OPINIÃO

EDITORIAL

Sevandija: os mortos não podem falar

Quase nove anos se passaram desde o início da Operação Sevandija, deflagrada com estardalhaço em Ribeirão Preto, em setembro de 2016 — uma operação policial que sepultou uma geração política e se tornou símbolo do combate à corrupção nos contratos públicos da cidade.

O que prometia ser um divisor de águas na moralidade administrativa hoje repousa no limbo da Justiça: réus soltos, processos emperrados e uma sociedade entregue à frustração, à espera de uma decisão sobre a legalidade ou não dos materiais captados pelo Ministério Público e utilizados como base para condenar dezenas de acusados. A regra é clara: sem o conteúdo sob judice, 90% da operação desmorona. E esse é um risco concreto.

Graças às revelações recentes protatonizadas por Walter Delgatti Neto — o hacker conhecido como "o Vermelho" — vieram à tona trechos e registros de diálogos internos entre procuradores do Ministério Público que colocam em xeque a lisura, o foco e até mesmo as intenções de parte dos operadores da lei à frente do caso. Não por outro motivo, a anulação de casos em série protagonizada no âmbito da Operação Lava Jato - cujo conteúdo também se deve a Delgatti - apresenta imensas simularidades com o que vivemos na Sevandija.

O *Jornal Ribeirão* teve acesso a parte desse conteúdo captado por Delgatti. Embora uma pequena amostra do material já tenha sido divulgada, há quatro anos, pelo Grupo Thathi de Comunicação, pelas mãos do jornalista Eduardo Schiavoni — também editor-chefe deste *Jornal Ribeirão* — o conteúdo atual é significativamente mais extenso e se embrenha nos meandros da operação, revelando a forma de atuação do MP.

Não se trata apenas de uma operação que perdeu força. É o retrato de um sistema que falha, mas não admite as próprias falhas: ações conduzidas de forma midiática, delações com pouca sustentação, táticas de pressão psicológica e manobras jurídicas duvidosas. Em tudo isso, é impossível não traçar um paralelo com a Lava Jato — que, embora tenha produzido resultados concretos, também ruiu sob o peso de seus próprios abusos.

Não se trata, por óbvio, de defender a inocência dos envolvidos na Sevandija. Ao contrário, as provas estão aí e são categóricas no sentido de indicarem, com precisão, um vasto e amplo esquema de corrupção que efetivamente achacou os cofres públicos. Os erros procedimentais do MP podem até anular as ações penais, mas jamais apagarão o escândalo de corrupção. O que não pode significar, ainda, que os absurdos cometidos pelo MP devam passar em branco.

Em Ribeirão Preto, o caso mais simbólico — e trágico — dessa condução equivocada é o de Marcelo Plastino. Empresário, viu-se encurralado por acusações que o MP não conseguiu sustentar. Pressionado por todos os lados — o que incluiu transferência de presídio sem justificativa e pressão psicológica sobre ele e sua família, além de ameaças diretas de perda patrimonial —, Plastino tirou a própria vida, com direito à comemoração de promotores com direito a brinde e cerveja. Para ele, ao contrário de tantos outros que continuam livres mesmo diante de evidências robustas dos crimes cometidos, não houve segunda chance.

A Justiça, quando falha, mata duas vezes: primeiro ao deixar impunes os verdadeiros culpados; depois, ao empurrar inocentes — ou acusados sem defesa digna — para o abismo. É essa história que o *Jornal Ribeirão* precisa contar. Para que nenhum corrupto volte a ficar livre por operações feitas "fora das quatro linhas". Afinal, nove anos depois, a Operação Sevandija não nos deixou a faxina prometida, mas sim um legado de impunidade, omissão e dor.

É hora de o Ministério Público responder: quem vai pagar por isso?

OPINIÃO DO LEITOR

Chega a semana da Agrishow, e Ribeirão deve virar aquele inferno que a gente conhece. Tomara que, conforme a matéria do jornal mostrou, ao menos compensa na Economia.

Silas Minossi, Jardim Recreio

APOIO DO LEITOR

Recebo o jornal pelo whatsapp e resolvi doar para fazer a minha parte. Trata-se de um conteúdo diferenciado e é maravilhoso poder fazer parte disso.

Célia Regina Machado, Ituverava.

NOVAS IDEIAS

SAF é a solução?

EDUARDO ESTEVES*

Talvez essa seja a pergunta que mais dirigentes e torcedores vêm se fazendo.

Se tomarmos como exemplo o Botafogo-RJ, a resposta parece ser "sim", sem qualquer dúvida. O clube associativo vem reduzindo suas dívidas, e sua SAF (Sociedade Anônima do Futebol) tem obtido resultados esportivos expressivos.

Mas, infelizmente, esse cenário positivo não se repete na maioria dos clubes que estão optando por esse modelo, introduzido no futebol brasileiro em agosto de 2021, por meio da Lei nº 14.193. Temos, por exemplo, um Vasco da Gama em processo de ruptura com a 777 Partners, e um Coritiba que enfrenta diversos protestos de sua torcida contra a Treecorp, após sua pior campanha na história da Série B do Campeonato Brasileiro e duas eliminações consecutivas na primeira fase da Copa do Brasil, diante de times de expressão muito inferior.

O que se percebe é que clubes associativos — especialmente os pequenos e médios — que ao longo de suas histórias contraíram enormes dívidas e pouco fizeram para reduzi-las, acreditam que a única saída é a transformação em SAF.

Pronto! Aí está a receita para o fracasso de um projeto. O primeiro que aparecer, leva.

Nesse cenário, nada é feito com cautela, estudos ou planejamento. Tudo ocorre na correria, sem a devida atenção a detalhes que podem ser fatais — afinal, a maior preocupação é a entrada imediata de dinheiro para pagar as contas e evitar a falência do clube associativo.

Esquece-se, nesse processo, a tradição e a história daqueles que dedicaram boa parte de suas vidas à construção do clube.

O maior desafio para os pequenos e médios clubes é justamente debater, com profundidade, a constituição do clube-empresa, passando por todas as esferas políticas da instituição — principalmente junto ao seu maior patrimônio: o torcedor. Até porque, sem o engajamento da torcida, a tendência do projeto é o fracasso.

Há muito tempo, não consigo ver o futebol de outra forma que não seja profissional — seja em um clube associativo, seja em uma empresa.

Não há mais espaço para pessoas trabalharem de graça. O futebol exige dedicação integral. Mas isso não significa que basta pagar um salário para que tudo se resolva.

Tanto um clube associativo quanto um clube-empresa precisam de gestores sérios, capacitados, comprometidos — e que sejam responsabilizados por seus atos.

O futebol brasileiro também nos mostra exemplos de associações bem geridas, que conquistam resultados expressivos. O mais impressionante talvez seja o Mirassol, clube de uma cidade com apenas 60 mil habitantes, que disputará a Série A do Brasileirão neste ano. Também vale destacar o Flamengo, que saiu de um mar de dívidas para registrar superávits sucessivos e conquistar diversos títulos.

Tenho convicção de que, se as gestões fossem sérias, dedicadas e comprometidas, muitos clubes não estariam em situação falimentar — e as SAFs, com tão pouco tempo de existência, não estariam dando prejuízo.

O que vejo hoje é que seria muito mais fácil iniciar uma SAF do zero do que transformar um clube associativo em empresa. São muitos os obstáculos a serem superados e, como diz o ditado: onde há muitos donos, ninguém manda em nada.

*Empresário, é presidente do Botafogo Futebol Clube

Jornal Digital

Leia o QRCode e acesse a versão online do Jornal Ribeirão

Pontos de Distribuição

Veja onde você encontra a versão impressa do Jornal Ribeirão:

- Banca Tibiriça - R. Tibiriçá, 600
- Banca do Denis - R. Otavio Golfeto, 326
- Banca Saudade - Av. Saudade S/N
- Banca Paulista - Av. Independência, 1680
- Banca 2000 - Praça Coração De Maria S/N
- Banca Balieiro - R. Gen. Osório, 549 - Calçadão
- Banca Oracilda - Praça Jose Mortari S/N
- Banca Solange - Av Pres. Vargas, 25 - Esq. Av R. Nove De Julho
- Banca Camões - Praça Camões S/N
- Banca Oásis - R. Duque de Caxias, 800
- Banca Pinguim - R. Gen. Osório em frente a Choperia Pinguim - Calçadão
- Banca do Valdir - Av. Nove De Julho, 378 - Esq. R. Visconde de Inhaúma
- Banca 13 de Maio - Av. 13 De Maio, 575
- Banca Irajá - R. Dr. Isaac Teodoro de Lima, 588
- Banca Sete de Setembro - Praça
- Banca do Emerson - R. Campos Salles, 431
- Banca Oficce Center - Av Portugal, 1760
- Banca do Amaral - R. Amador Bueno, 395
- Banca da Lucia - Av Dom Pedro S/N
- Banca do Rogério - R. Maria Tereza Braga Cenri, 425
- Banca do Peruano - R. Florêncio De Abreu S/N (Calçada Catedral)
- Banca da Japa - Av. Jerônimo Gonçalves, 493 (Próx Rodoviária)

JORNAL RIBEIRÃO

SKY COMUNICAÇÃO E EVENTOS LTDA
CNPJ 12.884.377/0001-30
www.JORNALRIBEIRAO.COM.BR

REDAÇÃO:
Av. Eduardo Gomes de Souza, 766 - S/4
City Ribeirão - Ribeirão Preto/SP
CEP 14021-540

Editor-chefe: **Eduardo Schiavoni**
Editor adjunto: **Beatriz Camargo**
Editor de arte: **Daniel Torrieri**

Contato:
redacao@jornalribeirao.com.br

ATENDIMENTO AO LEITOR:
(16) 99173-3980
Acesse pelo QRCode >

Departamento Comercial: **Emerson Cosmo**
comercial@jornalribeirao.com.br

Material noticioso e fotográfico fornecido pelas agências de notícias Estado, Brasil, France-Press, Reuters, pela equipe de correspondentes e pelos colaboradores.

O Jornal Ribeirão não se responsabiliza por conceitos ou opiniões emitidos em colunas ou artigos assinados.